



Universidade Federal de São João del-Rei

Núcleo de Educação a Distância

Re@d - Revista de Educação a Distância

ISSN: 2675-0651



EDUCAÇÃO EMOCIONAL: UMA FERRAMENTA PARA O EMPREENDEDORISMO

Ana Lúcia Domingos Kanô

aninhadkano@gmail.com

Geraldo Roberto de Sousa

geraldor@ufsj.edu.br²

Resumo: Esse estudo teve como tema a relevância das emoções diante do empreendedorismo, pois é de conhecimento que as emoções interferem diretamente na aprendizagem e consequentemente na formação do indivíduo empreendedor. As respostas emocionais estão diretamente condicionadas à percepção que os indivíduos têm de si e do outro e para que essas respostas sejam positivas faz-se necessário desenvolver habilidades que permitam aprender novas formas de agir e reagir frente as diversas situações. Deve-se considerar a educação emocional como o processo de desenvolvimento de habilidades de relacionamentos, sendo esta uma das características essenciais ao empreendedorismo. Para maior entendimento do assunto abordado, esse estudo traz à tona a importância dos pais e educadores no desenvolvimento dessa educação emocional e como podem criar condições e desenvolver estratégias para auxiliar as crianças a desenvolverem as habilidades inerentes às emoções, criando assim indivíduos competentes para exercer o empreendedorismo.

Palavras-chave: Educação Emocional, Empreendedorismo, Habilidades, Competências.

Abstract: This study focused on the **relevance of emotions** concerning **entrepreneurship**, as it is known that emotions directly interfere with learning and, consequently, with the formation of the entrepreneurial individual. Emotional responses are directly conditioned by the perception that individuals have of themselves and of others. For these responses to be positive, it is necessary to develop **skills** that allow learning new ways of acting and reacting

in various situations. **Emotional education** should be considered the process of developing relationship skills, as this is one of the essential characteristics of entrepreneurship. For a greater understanding of the subject, this study highlights the importance of **parents and educators** in developing this emotional education and how they can create conditions and develop **strategies** to help children develop the skills inherent to emotions, thus creating **competent individuals** to practice entrepreneurship.

Keywords: Emotional Education, Entrepreneurship, Skills, Competencies.

1. INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema surgiu com a necessidade de entender a formação emocional do aluno e como as emoções servem como ferramentas ao empreendedorismo.

Dentro desse tema surge o seguinte questionamento: “Qual a importância de desenvolver o emocional e usá-lo como uma ferramenta para despertar o empreendedorismo?”

Nas últimas décadas, a Ciência fez muitas descobertas sobre as influências das emoções em nossas vidas. Diversas pesquisas trouxeram à tona o fato de que a percepção emocional e a capacidade de lidar com os sentimentos determinam o sucesso e a felicidade da pessoa em todos os setores da vida.

Saber reconhecer em si mesmo as emoções e entender de que forma essas se comportam no outro pode contribuir para que o indivíduo empreendedor administre melhor reações comuns, como lidar com situações desfavoráveis, negativas e imprevistas que acontecem no dia a dia corporativo.

Quando a pessoa não se conhece e não conta com domínio próprio, tende a ficar desesperado, desorientado, e sem saber qual o rumo tomar num momento de impasse ou na tomada de uma decisão, assim, não ter controle das emoções, agindo impulsivamente, é uma das razões principais que diminuem as oportunidades de ascensão de empreendedor. As qualidades técnicas são essenciais ao empreendedor, mas quando acompanhadas de um bom domínio emocional, o valor do profissional aumenta muito no mundo corporativo.

Sabe-se que a família tem papel essencial para o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional, podendo tanto favorecer ou desfavorecer a criança, preparando-a ou não emocionalmente para lidar com as frustrações cotidianas ou proporcionando-lhe um ambiente hostil e angustiante no qual pode estar presente a agressão ou a falta de diálogo e comprometimento dos familiares.

Ao envolverem-se com os sentimentos dos filhos, os pais podem ensiná-los estratégias para lidarem melhor com os altos e baixos da vida, aproveitando os momentos frustrantes e de emoções negativas, para desde a primeira infância ensinar aos filhos importantes lições de vida e construir um relacionamento mais próximo com eles com base no afeto e na preparação emocional.

A ação da escola deve complementar a ação da família no que diz respeito às emoções, cabendo a esta contribuir para a formação emocional da criança, tendo os educadores nesse caso uma função extremamente relevante.

É evidente que se essas crianças forem preparadas hoje, para se expressarem, entenderem seus sentimentos, aumentando sua autoestima, amanhã tomará o empreendedorismo no sentido amplo, ou seja, mais como uma forma de ser do que uma atividade.

A Pedagogia Empreendedora (DOLABELA, 2003) aborda a importância da educação emocional no âmbito escolar quando afirma que novos elementos devem ser introduzidos na sala de aula pelos educadores, como a estimulação e valorização das atitudes, emoções, sonhos, comportamentos.

Para o autor conhecer a si mesmo é um dos fatores fundamentais para a construção do sujeito empreendedor, pois o conhecimento de si mesmo permite ao sujeito lidar com as próprias emoções, especialmente se considerarmos que vivenciamos um contexto marcado por instabilidades econômicas e sociais, como também de criar recursos para se sobressair em meio às adversidades.

Neste sentido enfatiza a necessidade eminente de se trabalhar com o domínio emocional e com a aquisição de características emocionais que contribuam para a consolidação do sujeito empreendedor.

Com base nesse levantamento, será relatada a importância do emocional como ferramenta ao empreendedorismo e a reflexão sobre como os educadores poderão criar possibilidades de automotivação e desenvolvimento da autoestima.

Espera-se refletir a prática educativa, auxiliar no preparo emocional nas escolas, despertar práticas empreendedoras e conscientizar a importância do empreendedorismo na atualidade.

2. FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Antes de abordar a Educação Emocional, devemos compreender o que é emoção.

As emoções geralmente são geradas como resposta a eventos externos e internos, de forma que Bisquerra (2000) aponta algumas coisas que auxiliam na compreensão de quando uma emoção ocorre:

Uma pessoa, consciente ou inconscientemente, avalia um evento tão relevante em relação a um objetivo pessoal que é valorizado como importante. A emoção é positiva quando o evento é um avanço em direção à meta e é negativo quando um obstáculo. Portanto, emoção e motivação estão relacionadas. A experiência de uma emoção tende a ser acompanhada por reações involuntárias (mudanças corporais de caráter fisiológico) e (expressões faciais e verbais, comportamentos, ações) voluntárias. Em suma, o processo de experiência emocional pode ser resumido da seguinte forma: Evento – avaliação – As alterações fisiológicas – predisposição para a ação (BISQUERRA, 2000, p. 61).

O corpo humano está naturalmente capacitado para vivenciar essas emoções, a partir de processos que ocorrem no cérebro e no nosso corpo, como também, estímulos externos.

As emoções podem ser compreendidas inicialmente como fenômenos cerebrais amplamente diferenciados do pensamento, que contêm as suas próprias bases e que preparam o organismo para ação em resposta a um determinado estímulo interno ou desafio ambiental (GONSALVES, 2015, p. 29).

Segundo Gonsalves (2015), vivenciar a educação emocional é um ato de amor e é como vemos nesse trabalho o papel da emoção, onde devemos vivenciá-la, mas dentro de um processo educacional.

Pensar em educação desvinculada das emoções é repartir algo inseparável; não há coerência nessa atitude, pois, como já vimos, a emoção é natural do nosso organismo; e como somos seres sociais, também as emoções estão presentes nesse âmbito social; por isso, se faz necessário a Educação Emocional para trabalhar as emoções sem essa dicotomia.

Não há dúvida de que as manifestações de afeto transformam as práticas de ensino. As emoções e o afeto passaram a assumir um lugar de destaque na área, chamando a atenção de pesquisadores e educadores. As emoções estão presentes na sala de aula e podem ser vistas desde expressões de carinho e admiração até em expressões de violência (GONSALVES, 2015, p. 13).

No livro Educação Emocional, Gonsalves (2015), apresenta uma concepção de educação emocional onde aborda a importância das emoções como promotoras do bem

estar; assim afirma a autora: “Acreditamos que a emoção é uma grande aliada na promoção da saúde e da aprendizagem e que uma aproximação teórica a esse universo pode colaborar efetivamente no sentido de desenvolver novas práticas educativas” (GONSALVES, 2015, p. 17).

A concepção que Bisquerra (2000), traz sobre Educação Emocional é de fundamental importância, pois justifica a partir de alguns pontos, a importância dessa educação com relação à prática, nos diversos campos, inclusive em relação ao empreendedorismo.

A finalidade da educação é o pleno desenvolvimento de toda a personalidade dos alunos. Neste desenvolvimento podem ser distinguidos pelo menos dois aspectos principais: o desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento emocional. O primeiro tem tradicionalmente dado uma ênfase especial em detrimento do segundo, que foi praticamente esquecido da prática educativa. Educação emocional é uma proposta para colocar uma ênfase especial a este aspecto, a fim de dar-lhe a importância que merece. A partir do processo educacional: A educação é um processo caracterizado pela relação interpessoal. Qualquer relacionamento interpessoal é permeado por fenômenos emocionais. No processo de aprendizagem individual e autônomo também está presente a dimensão emocional. Tudo isto exige que seja dado uma atenção especial pelas múltiplas influências que as emoções têm no processo educacional. A partir da autoconsciência: "Conhece a ti mesmo" foi inscrita na entrada do templo de Delfos e foi adotado como um lema por Sócrates. Desde então, este tem sido um dos objetivos do ser humano e está presente no ensino. Dentro deste autoconhecimento, um dos aspectos mais importantes do processo educacional. A partir do fracasso escolar: Altas taxas de insucesso escolar, dificuldades de aprendizagem, o stress antes dos exames, abandono da faculdade e outros fenômenos relacionados são observados. Estes eventos causam estados emocionais negativos, como apatia e em alguns casos, vir a tentativas de suicídio. Tudo isto está relacionado com déficits na maturidade e equilíbrio emocional. A partir das relações sociais: Sabe-se que os relacionamentos podem ser um conflito forte, tanto na profissão como na família, comunidade, lazer e qualquer contexto em que a vida de uma pessoa desenvolve. Estes conflitos afetam os sentimentos, de modo que às vezes podem tornar-se respostas violentas e descontroladas (BISQUERRA, 2000, p. 22.)

A conhecida e divulgada, no meio acadêmico, teoria de Delors (2001), sobre as quatro aprendizagens fundamentais que precisam ser desenvolvidas ao longo da vida: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser,

acrescenta também que estes quatro pilares do saber englobam a realização da pessoa na sua totalidade. O autor destaca que o aprender a conhecer seria o mais desenvolvido na educação formal, e em segundo plano fica o aprender a fazer. Já o aprender a viver junto e o aprender a ser ficam relegados às situações ‘aleatórias’ no dia-a-dia das escolas, não sendo incluídas, de forma equivocada nos planejamentos, pois as aprendizagens de convivência também precisam estar nas práticas da Educação formal, tanto quanto as outras.

Bisquerra (2010) define alguns dos objetivos gerais da Educação Emocional:

Conhecer melhor as próprias emoções; identificar as emoções dos outros; desenvolver habilidade para regular as próprias emoções; desenvolver habilidade de gerar emoções positivas; desenvolver a habilidade de auto motivar-se; buscar regular os efeitos das emoções negativas; assumir uma atitude positiva perante a vida, entre outros. Coloca alguns possíveis efeitos da Educação Emocional, como: o aumento das habilidades sociais; relações interpessoais mais harmônicas; o aumento da autoestima; menores índices de agressões e violência; a melhora no rendimento escolar; a redução da iniciação do consumo de drogas (lícitas ou ilícitas); a redução de sintomas de depressão, tristeza, ansiedade e estresse, etc. (BISQUERRA, 2010, p. 243).

O autor ainda complementa que existem alguns conteúdos importantes a serem abordados por uma proposta de Educação Emocional e que estes devem estar adaptados nível de ensino com o qual se destinam.

2.1. Os pais como preparadores emocionais

Visto que as relações sociais interferem diretamente na formação de indivíduos sadios ou na propulsão de distúrbios do comportamento é de relevância analisar agora, a importância da primeira relação social da criança, a família, na educação emocional.

É a família quem primeiro proporciona experiências educacionais à criança no sentido de orientá-la e dirigi-la. Tais experiências ocorrem à maioria das vezes de forma consciente de estarem influenciando no comportamento dos filhos.

Como afirma Lindgren citado por Gottman (1997): "O que é ensinado e aprendido inconscientemente em mais probabilidade de permanecer". No exemplo citado por ele, a

criança pode esquecer muitas das noções que aprendeu com os professores, mas lembram do tipo de pessoas que eram e as atitudes que tinham em relação à eles.

Na família ocorre o mesmo. A criança absorve definitivamente os sentimentos que seus pais têm em relação a ela e a vida em geral. Esses sentimentos serão a base para os conceitos que tem de si própria (autoconceito) e do mundo. Uma criança que é desprezada aprende a desprezar-se; uma criança que é amada e aceita tenderá a formar um autoconceito positivo. Isto significa que, os autoconceitos vividos pela criança em sua casa, como em vários ambientes sociais, determinarão o que ele vai aprender e também em grande parte, a espécie de pessoa que se tornará.

Trabalhe junto com seu filho para achar uma solução para o problema. As idéias dos pais podem ser uma benção, sobretudo para uma criança pequena que costuma pensar para imaginar soluções alternativas. Mas é importante se controlar para não assumir o comando. Se você realmente quer que seu filho seja o dono da solução, deve pensar por ele para que apresente idéias (GOTTMAN, 1997, p. 110).

Retornando ao tema autoconceito, vale ressaltar a importância deste aspecto no desempenho da criança escola em todos os setores de sua vida. A criança que acha que é capaz de fazer uma coisa bem feita, certamente terá confiança em seu desempenho e realizará isto melhor. A criança que se acha inteligente e capaz terá vontade de fazer coisas para mostrar aos outros ou a si mesmo que tem valor. Por isso, pode-se dizer que o autoconceito, isto é, a maneira como a criança se vê influirá direto em sua motivação.

Quando a criança não acredita em suas potencialidades e que pode ter sucesso no que pretende fazer, não consegue interessar-se e dedicar-se a contento, pois acredita de antemão que irá fracassar. Com o medo do fracasso a criança nem tenta um novo comportamento ou então toma atitudes inadequadas, num esforço de mostrar aos outros que é alguém. Isto retrata que a criança como o adulto deseja ser admirado e aceito pelos outros.

Todas as vezes que o indivíduo percebe que sua imagem está em jogo, esforça-se ao máximo para sair-se bem mobilizando todos os seus recursos.

A esse esforço dá-se o nome de motivação e a imagem conseguida denomina-se autoimagem positiva ou autoestima.

De acordo com Gottman (1997) "O desenvolvimento do autoconceito ou auto-estima está diretamente ligado ao domínio de tarefas ao sentimento de competência". (GOTTMAN, 1997, p. 128)

Associam-se então, motivação, autoconceito e autoestima como fatores que demonstram significativa importância no processo do desenvolvimento do indivíduo.

À medida que a criança cresce vai adquirindo conhecimento de si mesmo e construindo um autoconceito, adquirindo motivação e autoestima, toda sua capacidade de empreender passa a ser influenciada.

Na última década, a ciência descobriu muita coisa sobre o papel da emoção em nossa vida. Os pesquisadores verificaram que até mais do que o QI, a percepção emocional e a capacidade de lidar com os sentimentos determinam o sucesso e a felicidade da pessoa em todos os setores da vida. (GOTTMAN, 1997, p. 20)

Visto que a família é primeira escola de aprendizado emocional cabe aqui apresentar como os problemas familiares podem influenciar no processo de desenvolvimento do indivíduo e como essas influências vão se apresentar diante de todas as situações da vida.

Necessário neste momento ressaltar que as dinâmicas familiares, são distintas e se caracterizam pelas interações surgidas a partir da personalidade de cada membro, além do fato de atualmente não existir mais somente um modelo de família, pai – mãe - filhos, e um único casamento, deve-se atentar a cada realidade para entender como se dá a educação emocional de determinada criança.

Dentro das famílias existem problemas que afetam direta ou indiretamente a criança, refletindo em sua formação emocional. "Assim como uma árvore é afetada pela qualidade do ar, da água e do solo em seu meio ambiente, a saúde emocional da criança e sua Inteligência Emocional serão afetadas pela qualidade dos relacionamentos íntimos que o cercam". (GOTTMAN, 1997, p. 143)

Dentre várias questões familiares que interferem na Educação Emocional das crianças, serão aqui expostas as duas mais comuns atualmente.

A separação dos pais, por exemplo, pode trazer um desajustamento social para a criança trazendo como consequência agressividade, angústia, sentimento de abandono e dúvidas, sem saber se continua ou não a ser amado. Porém deve ressaltar que o que se está enfocando é o modelo de relação social que está ensinando, a busca de soluções em

conjunto, a empatia para a escuta ou atitudes hostis e ofensivas. É mais prejudicial do que a consumação da separação dos pais é a vivência a situações conflitantes no dia-a-dia.

A superproteção dos pais é outro fator extremamente prejudicial ao desenvolvimento da criança, o que prejudica diretamente suas relações em todas as situações, pois impede a criança de tomar iniciativas, tornando-os passivos e dependentes.

Quando os pais exageram em seu amor e passam a uma superproteção trazem a tona diversas situações que não permitem o total desenvolvimento dos filhos, pois, por exemplo, os pais super protegem, forçam a criança a agir sob os padrões no intuito de evitar riscos e com isso não permitem que utilizem de sua criatividade de forma livre.

A habilidade de arriscar-se faz parte do processo criativo, crianças superprotegidas evitam de se arriscar, a criatividade estimula a romper regras entrar em contato com novas formas de expressão.

A construção da autoestima também é extremamente prejudicada quando pais são super protetores, pois esta é construída a partir das mensagens verbais e não verbais que a criança recebe de seus pais e o que acontece é que a criança tem misturada sua noção de realidade à fantasia, confunde opiniões com fatos, e dá exagerada atenção as expectativas dos outros (pais). O problema se concretiza quando a criança não consegue responder as expectativas dos pais super protetores, que costumam super valorizar suas crianças, criando um sentimento de frustração de si mesmo, levando a uma consequente baixa autoestima.

As crianças que crescem em lares que pais dedicados e bem intencionados "super cuidam" delas por amarem-nas em demasia, tornam-se adultos conscientes do fato de serem amados, mas vivem também com uma carga de ansiedade, culpa e dependência que pode ser emocionalmente mutilante (ASHNER, 2000, p.11).

2.2. O papel da escola na Educação Emocional

Quando o ambiente familiar, em alguma ocasião, não está apresentando à criança as condições mais adequadas ao desenvolvimento e aprendizagens, a escola pode transformar-se numa fonte importante de cuidado do educando. Crianças com grandes dificuldades no plano interpessoal familiar buscarão, na maioria das vezes, um olhar

afetivo do professor, do colega de classe, de um funcionário da escola ou mesmo de outros educadores que nela habitam.

As escolas, em sua maioria, preocupam-se em transmitir conhecimento aos seus alunos, porém deixa de lado o emocional, fator que interfere diretamente no aprendizado e também na vida social desses alunos.

As crianças e jovens aprendem a lidar com fatos lógicos, mas não sabem lidar com fracassos e falhas. Aprendem a resolver problemas matemáticos, mas não sabem resolver conflitos. São treinados para fazer cálculos e acertá-los, mas a vida é cheia de contradições, as questões emocionais não podem ser calculadas, não tem conta exata. (CURY, 2003, p.15).

O homem passa boa parte de sua vida na escola. A escolarização, mais que ocupar-se com a construção de conhecimentos, com a mera transmissão dos conteúdos obrigatórios, deveria proporcionar ao homem o domínio dos instrumentos do conhecimento para entender o mundo que lhe rodeia e traçar um projeto de vida pessoal/profissional. Neste sentido, a escola desempenharia um papel imprescindível para toda a pessoa.

O relatório Delors (2001) trás como um dos pilares da Educação “aprender a ser”. A educação voltada para o desenvolvimento integral, assim como é entendida pela comissão que redigiu o relatório, compreende: “espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade (p.99)”.

Podemos observar quatro áreas no desenvolvimento de uma criança, as quais são: a física, a cognitiva, a emocional e a social. Essas áreas necessitam estar sintonizadas e precisam se desenvolver na mesma proporção. Uma criança que no dia a dia tem contato com livros, com a internet, com jogos de construção, mas que, ao mesmo tempo, não tem o hábito de frequentar *playgrounds*, praticar esportes e ter pequenas responsabilidades, como tomar banho ou vestir-se sozinha, indiscutivelmente terá uma área cognitiva prevalecendo sobre as outras (FERNANDES, *on line*)

Para Goleman (2007), o aprendizado não pode ocorrer de forma distante dos sentimentos das crianças. E essa tarefa exige uma mudança também nos professores, pois estes devem ir além da sua missão tradicional.

No processo da educação emocional, a função do professor é absolutamente fundamental, usando sua sensibilidade para transpor as barreiras do seu próprio conhecimento e da sua prática em sala de aula para abrir espaço para o debate e para a educação emocional. Isso pressupõe que o profissional seja mais do que um vetor de conhecimentos, passando a atuar com a intenção de realmente preparar os alunos a serem conscientes e responsáveis em sua forma de sentir, de pensar e de agir.

Reconhecendo as emoções das pessoas ao seu redor, o professor pode criar um canal extremamente fértil e acessível para uma interação equilibrada a partir de sentimentos como alegria, tristeza, medo, raiva ou até vergonha. Fazer isso inclusive potencializa a capacidade de aprendizado de conteúdos mais tradicionais, pois permite que cada um entenda e desafie os limites de seus estudos e os obstáculos que encontra tanto para aprender o conteúdo quanto para se relacionar com a família e os professores que fazem parte desse processo de aprendizado.

Casassus (2009), ao tratar sobre as emoções e a escola, apresenta dois modelos antagônicos: a escola anti emocional e a escola emocional.

Como característica da escola anti emocional, a ênfase da educação é fundamentada na racionalidade e não no emocional. Tal escola padroniza o professor e aluno, controlando “[...] o tempo, a mente, o corpo e, certamente, tenta – se controlar as emoções” (p.201).

Diante deste padrão estabelecido e desse controle que dita normas, o aluno que não se adapta é considerado problemático, não dotado de inteligência e incapaz, e o professor como aquele que apenas investe naqueles que mostram resultados de acordo com as leis do sistema educacional racional.

Esta escola também trabalha com métodos avaliativos baseados em prêmios e castigos, como forma de condicionar as respostas ao certo/errado, numa ótica predeterminada.

Mesmo que a escola anti emocional sufoque a expressividade das emoções, as emoções sempre acompanham o ser humano, pois é um componente da essencialidade, portanto, o que a escola antiemocional faz é controlar as emoções, sendo este controle

maléfico, porque em resposta são geradas emoções negativas, como o medo, raiva, vergonha, culpa ou estigmatização (CASASSUS, 2009, p. 201).

Neste cenário, a relação do professor e aluno é fragilizada, ocorrendo insegurança da parte dos alunos em se expressarem, sendo os professores autoridades e afetando diretamente a aprendizagem do aluno, que tem suas capacidades e necessidades inibidas, ocorrendo uma relação vertical entre ambos, mas nunca horizontal.

O professor também tem papel limitado, moldando seu ensino em parâmetros pré – estabelecidos, podendo gerar frustração.

Já a escola emocional é aquela que reconhece a necessidade das emoções na aprendizagem, considerando os potenciais individuais e as competências emocionais, tanto do aluno como do professor. Neste modelo escolar há o reconhecimento das necessidades presentes nas pessoas e as emoções são valorizadas, pois “as emoções vêm ‘antes’ e ‘depois’ do conhecimento cognitivo” (CASASSUS, 2009, p.205), consequentemente, a escola é constituída por uma organização que preza pelas competências emocionais.

Na escola emocional, professor e aluno possuem proximidade, sendo a flexibilidade uma das características dessa relação, que não limita o professor a enquadrar o aluno no perfil moldado pela pedagogia tradicional, mas que ensina respeitando suas emoções e potencializando-as a favor da educação. Nela, o saber não é centralizado na figura do professor, mas disseminado e estruturado nas relações. Portanto, é notável observar que o processo educacional é baseado em relacionamentos e é justamente neles que as emoções se manifestam, porque “as relações e os vínculos são essencialmente conexões emocionais” (CASASSUS, p. 206).

Bisquerra (2010) afirmam que existem três princípios básicos baseado na educação das emoções, que contribuem para um bom desempenho acadêmico: Todo aprendizado tem uma base emocional, ou seja, para se aprender é necessário suporte emocional no percurso da construção do conhecimento; As emoções positivas são benéficas para a aprendizagem, logo em respostas a essas emoções haverá maior estímulo e interesse e A interação social é de suma importância, pois somos seres sociais e interacionistas, portanto, conclui-se que a interação também leva ao aprendizado.

3 O EMOCIONAL COMO FERRAMENTA ESSENCIAL AO EMPREENDEDORISMO

Como visto até o presente momento, as emoções e o conhecimento destas é determinante para o sucesso em todas as áreas da vida. Desenvolvendo o autoconhecimento, autoestima, motivação desde a infância, o indivíduo tem maiores chances de ser bem sucedido na área profissional escolhida.

O autoconhecimento e a autoestima são elementos fundamentais na aprendizagem e na construção da pulsão empreendedora, influenciando tanto o processo cognitivo quanto as relações do indivíduo com o outro e com o mundo. Ao se reconhecer fortalecido em sua individualidade e perceber que, pela construção e realização do seu sonho, poderá simultaneamente protagonizar ações para o desenvolvimento da comunidade à qual pertence, o indivíduo se constitui como ser autônomo capaz de cooperar e liberar a sua força criadora (OLIVEIRA, 2010, p. 58).

Desde a década de 90, a partir dos estudos de Goleman (1995) sobre a Inteligência Emocional, esse fator passou a apresentar maior relevância no mundo corporativo do que fatores técnicos e operacionais.

A partir de então, aprender a lidar com as emoções tem sido fundamental para o sucesso do empreendedor, pois iniciar um empreendimento requer competências, habilidades e capacidades, que auxiliarão no trabalho diante dos mais variados tipos de situações que podem surgir ao longo da jornada.

É imprescindível a um bom líder empreendedor que consiga conduzir e motivar os colaboradores a lhe apoiarem na conquista dos bons resultados, sabendo se comunicar com maestria, para minimizar os possíveis imprevistos que possam surgir.

Ser criativo, inovador, resiliente, responsável, comprometido e persistente também vai contribuir bastante para que você mantenha suas emoções sob controle, caso a sua empresa tenha que enfrentar crises ou dificuldades com o passar do tempo. É nesse sentido que a inteligência emocional também vai lhe auxiliar, pois ela lhe ajudará a encontrar os recursos necessários em você mesmo para não sucumbir diante das adversidades e para que a sua organização e você desenvolvam um diferencial competitivo diante da concorrência (MARQUES, 2016, *on line*).

Goleman (1995) divide a Inteligência Emocional em cinco habilidades que tornam o empreendedor mais preparado emocionalmente para lidar com os desafios encontrados,

pois para o autor saber identificar e controlar as emoções, de onde, como e porque elas surgem, será um diferenciador do indivíduo empreendedor diante das relações.

A primeira habilidade emocional que Goleman (1995) cita em sua obra é o **autoconhecimento emocional**. A importância dessa habilidade para o empreendedor é que este passa a ter menos sofrimento ao tomar decisões importantes e urgentes, pois se conhece melhor, se aceita mais e se pune menos.

Conhecer as próprias emoções. Autoconsciência — reconhecer um sentimento quando ele ocorre — é a pedra de toque da inteligência emocional. A capacidade de controlar sentimentos a cada momento é fundamental para o discernimento emocional e para a autocompreensão. A incapacidade de observar nossos verdadeiros sentimentos nos deixa à mercê deles. As pessoas mais seguras acerca de seus próprios sentimentos são melhores pilotos de suas vidas, tendo uma consciência maior de como se sentem em relação a decisões pessoais, desde com quem se casar a que emprego aceitar. (GOLEMAN, 1995, p. 73)

A próxima habilidade que deve ser desenvolvida pelo indivíduo empreendedor, citada pelo autor é o **controle emocional**.

Lidar com emoções. Lidar com os sentimentos para que sejam apropriados é uma aptidão que se desenvolve na autoconsciência. É a capacidade de confortar-se, de livrar-se da ansiedade, tristeza ou irritabilidade que incapacitam — e as conseqüências resultantes do fracasso nessa aptidão emocional básica. As pessoas que são fracas nessa aptidão vivem constantemente lutando contra sentimentos de desespero, enquanto outras se recuperam mais rapidamente dos reveses e perturbações da vida. (GOLEMAN, 1995, p. 73).

Quando o empreendedor aprende desde cedo lidar com suas emoções, controlá-las, evita que haja perda de tempo com algo ou alguém que despertem emoções negativas. A partir do momento que o indivíduo entende como deve se comportar e quais sentimentos acionar ao longo do dia, passa a viver, trabalhar e conduzir seus negócios de forma ainda mais efetiva evitando descontroles.

A terceira habilidade emocional citada por Goleman (1995) e extremamente importante ao empreendedor é a

automotivação, pois está diretamente ligada a eficácia das ações, fator importantíssimo àquele que deseja empreender.

A automotivação faz o indivíduo lembrar constantemente que as suas conquistas, enquanto empreendedor depende mais dele do que de fatores externos.

Por as emoções a serviço de uma meta é essencial para centrar a atenção, para a automotivação e o controle, e para a criatividade. E a capacidade de entrar em estado de “fluxo” possibilita excepcionais desempenhos. As pessoas que têm essa capacidade tendem a ser mais produtivas e eficazes em qualquer atividade que exerça (GOLEMAN, 1995, p. 73).

A próxima habilidade é o **reconhecimento das emoções nos outros – empatia**. Desenvolvendo essa habilidade emocional fundamental ao empreendedor o indivíduo passa a entender os motivos de determinadas ações dos outros e desenvolve assim, formas e mecanismos para lidar com ela, aumentando também a empatia necessária para compreender seu universo. Além disso, passa a aceitá-la, sem julgamentos, o que melhora ainda mais os relacionamentos interpessoais que necessita desenvolver para ter um empreendimento bem-sucedido.

Reconhecer emoções nos outros. A empatia, outra capacidade que se desenvolve na autoconsciência emocional, é a “aptidão pessoal” fundamental. As pessoas empáticas estão mais sintonizadas com os sutis sinais do mundo externo que indicam o que os outros precisam ou o que querem. Isso as torna bons profissionais no campo assistencial, no ensino, vendas e administração (GOLEMAN, 1995, p. 74).

A quinta e última habilidade abordada é **saber lidar com os relacionamentos**. Essa é uma das habilidades mais importantes para o empresário e empreendedor de sucesso. Mais do que técnica e conhecimento, o empreendedor precisa compreender como cada um que cruza o seu caminho trabalha e funciona, para que, juntos, alcancem os resultados positivos para a organização.

Lidar com relacionamentos. A arte de se relacionar é, em grande parte, a aptidão de lidar com as emoções dos outros. São as aptidões que determinam a popularidade, a liderança e a eficiência interpessoal. As pessoas excelentes nessas aptidões se dão bem em qualquer coisa que dependa de interagir tranquilamente com os outros; são estrelas sociais (GOLEMAN, 1995, p. 74).

Outro autor que abrange as emoções ao falar de empreendedorismo é Fernando Dolabela, em sua obra *Pedagogia Empreendedora* (2003).

A *Pedagogia Empreendedora* apresenta uma abordagem totalmente humanista do empreendedorismo, assim sendo, as emoções fazem total parte desta. Essa metodologia prepara o indivíduo para participar ativamente da construção do desenvolvimento social, com vistas à melhoria de vida da população e eliminação da exclusão social.

Não se trata de uma estratégia pedagógica destinada exclusivamente a preparar os alunos para criar uma empresa. Ela desenvolve o potencial dos alunos para serem empreendedores em qualquer atividade que escolherem: empregados do governo, do terceiro setor, de grandes empresas, pesquisadores, artistas, etc.. E também, evidentemente, para serem proprietários de uma empresa, se esta for a sua escolha. Cabe ao aluno, e somente a ele, fazer opções profissionais e decidir que tipo de empreendedor irá ser (DOLABELA, 2005, *on line*).

Dolabela traz em sua metodologia a importância dos sonhos nas vidas das pessoas e como esses sonhos podem tornar-se realidade e quais ferramentas técnicas e emocionais são necessárias para a realização destes.

É empreendedor, em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade. O sonho a que refere o conceito é o sonho estruturante, assim chamado porque pode dar origem e organização a um projeto de vida, articulando sinergicamente desejos, visão de mundo. Tal concepção abrange todos os tipos de empreendedores — o que atua na empresa, no governo, no terceiro setor, seja na posição de empregado, seja na de dirigente, autônomo ou proprietário —, pois o toma como uma forma de ser, independentemente da área em que possa atuar, valores, competências, preferências, auto-estima. Sonho estruturante é o sonho que se sonha acordado, capaz de conduzir à auto-realização. Ele responde à seguinte pergunta, formulada pelo senso comum: “Qual é o seu sonho na vida?”. É aquele desejo que faz brilhar os olhos quando se fala nele (DOLABELA, 2003, p. 43).

4 RESULTADOS

A história do empreendedorismo mostra que a humanidade busca constantemente meios para melhor interagir com o mundo de forma a favorecer suas ações e conquistas.

Acredita-se que nessas conquistas esteja implícita a idéia de empreendedorismo se considerado como o resultado do trabalho daqueles que criam mudanças, e para tal ação, há de ter o indivíduo, além da capacidade intelectual, domínio de suas emoções.

Nessa perspectiva, Cooper e Sawaf (1997, p. 19) acreditam ser eficaz “a aplicação da Inteligência Emocional na vida profissional e pessoal daqueles que se propõem a uma atitude empreendedora”. Pois, como complementam Soloman apud Cooper e Sawaf (1997, 19) “sem emoções para nos orientar, o raciocínio não tem princípios nem poder”. Para Goleman apud Engenhardt (1998, p. 8), “A capacidade de ler os próprios sentimentos, controlar os impulsos, organizar o raciocínio, ficar calmos e otimistas diante das provas com que nos defrontamos e, sobretudo, escutar o outro” são algumas das características de pessoas que têm conhecimento de suas emoções.

Infer-se daí que o Quociente de Inteligência - QI, por si só não é suficiente para o sucesso dos empreendedores visto que “somente 20% dos fatores determinam o sucesso. Os 80% restantes estão ligados a outros fatores que incluem o que podemos chamar de inteligência emocional”. (ENGELHART: 1998, p. 8)

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados apresentados mostram total relação entre a Educação Emocional e o sucesso do empreendedorismo.

O conhecimento e controle das emoções figura como fatores essenciais para que o indivíduo consiga se destacar e manter sua posição no mundo corporativo.

É necessária uma reflexão por parte de pais e educadores da necessidade de auxiliar as crianças a desenvolverem habilidades de lidar com suas emoções desde a primeira infância.

Os pais como primeiros preparadores emocionais tem grande responsabilidade de fomentar nos filhos a necessidade e importância do diálogo, da empatia e da necessidade de fazer e manter amigos.

O envolvimento dos educadores nessa tarefa é também essencial porque, em geral, as escolas são o primeiro espaço de socialização e uma criança que seja bem-aceita e valorizada certamente estará mais desperta para o aprendizado, pois entenderá que errar faz parte da vida e aprenderá como agir diante de uma dificuldade, persistindo e se esforçando.

6 CONCLUSÃO

Após conhecer os conceitos descritos nesse estudo e refletir sobre eles, pode-se concluir que todo ser humano pode ser empreendedor e que a educação é o processo que faz aflorar essa condição através de educação emocional.

Durante a realização deste estudo surge em pauta nas reuniões acadêmicas o conhecimento da Base Nacional Comum Curricular, que traz em suas competências e habilidades o desenvolvimento completo do educando, inclusive o emocional.

A educação emocional deve ser tratada de forma bastante contundente pelas famílias e escolas. Sendo a família o lugar de primeiro aprendizado, cabe a esta preparar emocionalmente as crianças para a vida, porém, nos dias de hoje, com muitas famílias desestruturadas, essa missão passou também a ser da escola.

A educação deve ser capaz de estimular e desenvolver a capacidade de fazer os alunos despertarem para o mundo que o cerca.

Não se trata de buscar novos conteúdos ou novas disciplinas, mas sim de dar as crianças habilidades e competências emocionais para que se tornem empreendedoras e busquem um mundo melhor.

Para tanto é necessário que os educadores desempenhem um novo papel, não o de somente transmitir conteúdos, mas o de auxiliar os alunos na realização de seus sonhos, ajudando-os a descobrir suas forças e potencialidades.

Ser empreendedor é algo acessível a qualquer pessoa e a separação entre o sonho (vontade, desejo, objetivo) e a sua realização pode estar na base da construção de suas percepções afetivas e emocionais.

Uma pessoa bem educada emocionalmente tende a ser um indivíduo capaz de empreender de forma mais eficaz, consegue desenvolver habilidades necessárias para lidar com suas emoções e as do outro também, sendo essas características essenciais ao empreendedor.

Segundo Dolabela (2003) “Empreender é um ato essencialmente humano” e com isso toda a carga que representa: ações dominadas por emoção, desejos, sonhos, valores; ousadia de enfrentar as incertezas e de construir a partir da ambiguidade e no indefinido, consciência da inevitabilidade do erro em caminhos não percorridos; rebeldia e

inconformismo; crença na capacidade de mudar o mundo, indignação diante de iniquidades sociais.

7 REFERÊNCIA

- Ashner, L., 2000, “Problemas de Aprendizagem”, Rio de Janeiro, Ática, p. 11.
- Bisquerra, R. A., 2000, “Educación emocional y bienestar”. Barcelona, Praxis, pp. 22-66.
- _____, 2010, “Atividades para o desenvolvimento da inteligência emocional nas crianças”, Barcelona, Arteplural, p. 243.
- Casassus, J. , 2009, “Fundamentos da educação emocional”, Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, pp. 201-206.
- Cooper, R. Sawaf, A., 1997, “Inteligência Emocional na Empresa”, Rio de Janeiro, Campus, p. 19.
- Cury, A, 2003 “Pais brilhantes, professores fascinantes”, Rio de Janeiro, Sextante, p. 15.
- Delors, J. , 2001, “Educação um tesouro a descobrir”. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. 6. ed. Tradução José Carlos Eufrázio, São Paulo, Cortez. 240 p.
- Dolabela, F., 2003, “Pedagogia Empreendedora”, São Paulo, Editora de Cultura, p. 43.
- _____, 2005, “Pedagogia Empreendedora: ensinade empreendedorismo na educação básica”, Disponível em: <https://fernandodolabela.wordpress.com/servicos-oferecidos/pedagogia-empreendedora>. Acesso em 26 jul 2018.
- Engelhart in Martineaud, S., 1998, “Teste a sua inteligência emocional”, Tradução: Luiz Cavalcanti de M. Guerra, 2.ed. Rio de Janeiro, Ediouro, p. 8.
- Fernandes, V.L, “O Desenvolvimento da Criança na Educação Infantil”, Disponível em: <http://www.objetivo.br/conteudo.asp?ref=cont&id=852>, Acesso em 10 ago 2018.
- Goleman, D. , 1995 “Inteligência Emocional”, Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, pp. 73 a 75.
- _____, 2007, “Inteligência Emocional. A teoria revolucionária do que é ser inteligente”, Rio de Janeiro. Objetiva, 2007, 384.
- Gonsalves, E. P., 2015, “Educação e Emoções”, Campinas, Alínea, pp. 13-27.
- Gottman, J. C., 1997, “Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos”, Rio de Janeiro, Objetiva, pp. 110 a 143.
- Marques, M., “A inteligência emocional como fator competitivo para empreender”, Disponível em:

<http://marcusmarques.com.br/empreendedorismo/inteligencia-emocional-fator-competitivo-empreender>, Acesso em 10 ago 2018.

Oliveira, M.A., 2010, “Gestão e pedagogia empreendedoras urgem educador-empREENDEDOR”. ECCOM, v. 1, n. 2, p. 55- 60, jul./dez., 2010. Disponível em: <http://publicações.fatea.br/index.php/eccom/article/viewFile/407/263>. Acesso em 20 jul 2018.